



O “Acontecimento” de Dilma: A Eleição da Primeira Mulher Presidente no Brasil

Gustavo Pilizari

Jornalista

A ELEIÇÃO DE DILMA ROUSSEFF, 63 anos, mulher, ex-guerrilheira, pertencente ao Partido dos Trabalhadores (PT), eleita no segundo turno das eleições presidenciais do Brasil, no dia 31 de outubro de 2010, com 55.752.529 votos (Tribunal Superior Eleitoral), foi, logo após a vitória, considerada, um pleito Histórico.

A maior votação Histórica de um Presidente até então havia sido dada em 1984, ao americano Ronald Reagan – 54.455.075. Agora, este número muda, e consolida Dilma como a maior manifestação de apoio a um indivíduo ao cargo de Presidente do planeta: Dilma é a maior marca da História em número de votos, maior aceitação, maior consolidação de esperanças: um acontecimento que paralisa o mundo e desloca as atenções de milhares ao aplauso Histórico, ao orgulho de muitos e tristeza de outros – o pilar do conceito de “Acontecimento” do qual fala Michel Foucault: aquilo que fica de um fato terminado, que sobra como consequência indubitável de mudanças de pensamento, de formas de agir até então escondidas, uma nova maneira de encarar a sociedade, seja em práticas ou formas de pensar e, até mesmo, sentimentos despertados por aquilo pós-explosão do acontecimento, conforme tentaremos aqui analisar.

Um tal fenômeno na História da humanidade (como o caso da Revolução) não se pode mais esquecer, posto que revelou na natureza humana uma disposição, uma faculdade de progredir, de maneira tal que político algum poderia, mesmo que por meios sutis, separá-la do curso anterior dos acontecimentos” (FOUCAULT, 1984, p. 07)

Como veremos e tentaremos tecer paralelos entre a Eleição de Dilma e o conceito de “Acontecimento” de Foucault, muitos pontos são comumente análogos (mesmo que o texto de Foucault nos refira a uma revolução de proporções à História, tal comparação é cabível com a Eleição Dilma em muitos aspectos), como tentaremos por em consonância.

Percebemos por notícias veiculadas por sites que a atual eleição brasileira ofereceu sentimentos antes e pós-eleição de carga de mudanças e, principalmente, de uma sensação de surpresa inédita esperada (já imaginávamos, todavia, precisávamos comprovar nas urnas), como se soubéssemos o resultado de forma ansiosa (a gente já sabia do resultado, no entanto, deveríamos comprovar ao mundo), a provocar renovação de paradigmas e continuidade da necessidade de trajetória Histórica: primeiro um operário, depois a primeira mulher; caminhos os quais de forma significativa nos induzem a perceber um grau iminente de mudanças de formas de pensar e, se provoca o cambio daquilo que passa, logo, reflete os enquadramentos do “Acontecimento” de Foucault.

O presente artigo busca inserir a repercussão da eleição de Dilma Rousseff a presidente do Brasil, dentro dos parâmetros conceituais de “Acontecimento” desenvolvido por Michel Foucault em seu livro *O que é Iluminismo*, utilizando para isto, notícias do evento do pleito divulgadas pela internet, analisando a repercussão de líderes mundiais, as formas de divulgação deste fato pela imprensa virtual, sua forma de se colocar e indícios na escrita que conduziriam ao encaixe dentro do conceito de Foucault.

O “Acontecimento” é a própria expectativa da prova diária de capacidade como mulher e daquele que fez dela o que agora é: Lula é seu mito e seu respaldo: criou sua sucessora, mulher – a primeira – criando uma simbologia de poder nunca antes alcançado, composta por indícios de necessidades do povo, junto com o próprio elitismo que outorga o poder à pessoa; depois da era Lulista, uma nova era se abre: a passagem sempre tão aguardada; a esperança sempre reimpressa nos discursos, nas formas de poder, como se nada mais pudesse existir (as coisas são mais por aquilo que não são – a manipulação das palavras à barganha do voto). De ex-guerrilheira à dona do poder, a mulher que derruba barreiras sociais e machistas ainda existentes para controlar uma nação que assiste ao retorno da esperança do “primeiro”: a sociedade parece gostar dos primeiros – a primeira mulher presidente; o primeiro operário presidente, a primeira depois de mim (Lula), a continuidade do que é bom.

A nação a escolhe, o mundo a aceita depois de informações lançadas pela mídia na corrida presidencial a fim de deturpar uma ideia: aborto: “*eu, pessoalmente, sou contra o aborto, porque acho o aborto uma violência contra a mulher*”, diz em entrevista divulgada pelo site youtube; religião, homossexualismo (em entrevista divulgada pelo site *Maranhão Hoje* Dilma, sobre

casamento homossexual disse, “*o Judiciário vem reconhecendo isto*” (2010, p. 01), criando quiçá, constrangimentos à candidata, e aos candidatos, instalados numa sociedade tradicionalista brasileira (155 milhões são católicos, segundo dados do Vaticano de 2007). Uma espantosa assolação de temas escondidos levados à tona na mídia como nunca antes e dito por todos quando sempre tentou-se impedir a circulação, ainda mais quando o assunto explode num campanha eleitoral: este é um momento sem dúvida de afloramentos de temas, perspectivas e dúvidas na mente dos brasileiros atarantados pelo desconhecido, pelo futuro, pelo medo de que algo possa mudar radicalmente em sua vida. É o momento do debate nacional.

Neste sentido, a corrida eleitoral faz desabrochar inúmeros temas significativos, velhos conhecidos na boca do povo, criando uma situação de discussão interminável nos jornais oferecendo “mais do mesmo” de forma a remexer as cabeças de todos, provocando a nação, instigando, fazendo-a refletir sobre religião, racismo ou política, criando o próprio cenário ideal para saltar aquilo que muitos são, mas nunca falaram por medo ou vergonha, possibilitando talvez, os desdobramentos da campanha a emancipação de muitos que podem começar a pensar diferente ao assistir ou ler como um devido candidato pensa sobre um respectivo assunto; é, de fato, muito próximo do conceito desencadeado de “Acontecimento”.

O sufrágio representa as diferentes especulações a todo custo sobre previsões de como será a gestão, como agirá, como fará; indagações propiciadas pela ininterrupta curiosidade despertada por uma eleição – é o jogo de apostas mundiais das cartas a serem jogadas; o momento das previsões de jornalistas a questionarem os indícios levantados pelo evento.

A eleição é um grande signo nos dias de hoje, de progresso indubitável, de mudanças, de fortalecimentos de classes, de novos rumos econômicos mundiais a serem refletidos no salário de operários, dos empresários, nos juros bancários, no alimento que consumimos, pois tudo envolve o dinheiro neste mundo globalizado em rede com todos os continentes nas questões comerciais: um simples índice negativo divulgado hoje em Tóquio reflete nas Bolsas de Valores do Brasil e no mundo com amplitude catastrófica; ninguém hoje pode imaginar-se sozinho, dono e fabricante de seu próprio lápis sem imaginar as ligações políticas efetivadas acerca das transações intercontinentais. A eleição, o voto, é afirmação de uma causa, de uma luta, de mudanças de rea-

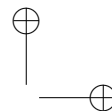
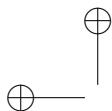
lidades, de indicações de mentalidades das massas, do indivíduo, conforme vemos em Moacyr Palmeira:

Mais que uma escolha individual, acertada ou não, o voto tem o significado de uma adesão. Para o eleitor, o que está em pauta em uma eleição não é escolher representantes, mas situar-se de um lado da sociedade. E, em se tratando de adesão, tanto quanto o voto, pesa a declaração pública antecipada do voto. Diferentemente do que nos acostumamos a ver nas grandes cidades, o fato de alguém ter um cartaz, uma fotografia do candidato ou o nome dele na porta de casa equivale a uma declaração de voto. E mais ainda, é uma sinalização de que o dono da casa pertence a uma determinada facção. O fato de não ter um título de eleitor, o que não é pouco freqüente, não é suficiente para afastar alguém da campanha eleitoral, e muito menos serve de álibi para sua eventual não-participação. Em situações como essa, a decisão de votar pode ser posterior à adesão a uma candidatura (2010, p. 02)

Um simples e boçal lápis torna-se impossível de ser fabricado hoje sem a matéria prima de inúmeros países, sem a mão de obra barata de trabalhadores, sem o livre comércio de países, sem a vontade política de muitos. Por isto, a luz de Foucault de seu revelador conceito de “Acontecimento”, é viável hoje atualizá-lo quando percebemos que um fato, por mais isolado que seja, desencadeia reações efeito dominó em todo o mundo, a partir do momento em que efeitos errados geram crises (se no passado uma revolução como o Iluminismo verteu sangue à mobilização e mudança de atitudes entre os indivíduos) hoje, como sempre, mas como nunca, a moeda é efeito de liberação de frustrações, indagações e conflitos como nunca antes vistos, e parte disto, tem seu efeito numa economia não bem gerenciada, logo, interpenetrada ao Governo eleito - culpa nossa, culpa de todos - mais uma vez, um “Acontecimento”, a globalização política das forças:

Vivemos num mundo de transformações, que afetam quase todos os aspectos do que fazemos. Para bem ou para mal, estamos sendo impelidos rumo ao uma ordem global que ninguém compreende plenamente mas cujos efeitos se fazem sentir sobre todos nós. (GIDDENS, 2007, p. 17).

E continua: “a globalização tem algo a ver com a tese de que agora vivemos todos num único mundo” (2007, p. 18), e sobre os governantes relata o autor: “os governos continuam capazes de controlar a vida econômica”



(2007, p. 19), ou em outras palavras, o poder de controlar a nossa vida, os nossos rumos; logo, efeito e causa de reorganização de atitudes de todos.

Os novos signos do progresso são as eleições, e certamente os seus governantes, como o mostrado em Foucault apoiado em Kant:

É preciso isolar, no interior da História, um acontecimento que tenha valor de signo. Signo de que? Signo da existência de uma causa, de uma causa permanente, que ao longo de toda a História guiaram os homens pela via do progresso. Causa constante da qual se deve então mostrar que agiu outras vezes, que atua no presente e que atuará posteriormente”. (1984, p. 04).

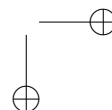
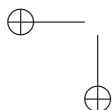
Estes signos são, neste momento, a escolha do futuro proclamado pelo voto. Anthony Giddens afirma:

Os filósofos do Iluminismo observavam um preceito simples mas obviamente muito poderoso. Quanto mais formos capazes de compreender racionalmente o mundo, e a nós mesmo, mais poderemos moldar a história para nossos próprios propósitos. Temos de nos libertar dos hábitos e preconceitos do passado a fim de controlar o futuro” (2007, p. 13-14).

O que parece oportuno salientar é que os políticos parecem ser em muitos aspectos, a nossa voz de liberdade, de iniciativa, de grito pelos direitos quando não somos capazes de nos colocarmos a rebeldia se algo não está justo, dependendo o esforço sempre do político - nossas forças são outorgadas a eles pelo voto e queixamo-nos dos políticos quando não atuam como gostaríamos; nunca, no entanto, partindo de nossas mãos uma rebeldia contra ou a favor os padrões, quando afirmamos este direito ao outro pelo voto.

Nesta visão, este “Acontecimento” político do pleito dever ser observado como um amálgama de sensações e sentimentos mútuos da massa inconsciente (temos objetivos, metas, diretrizes, mas não somos capazes destas realizações), todos estes ideais são representados e embutidos no voto – o poder absoluto de todos – dado a um único indivíduo possibilitador de todo o avanço, de toda a superação ao desenvolvimento de uma nação; nada poderia representar mais o conceito de “Acontecimento” de Foucault num viés atualizado e repaginado.

Hoje, mais que nunca, o proposto por Foucault deve ser sinalizado em uma atualização imprescindível; tais abordagens podem perfeitamente vislumbrar a nossa pós-modernidade de caráter abstrato, de momentos de releituras de

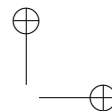
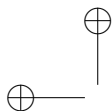


conceitos e, neste sentido, a ideia de Foucault pode ser traduzida em sua ramificação com os setores da sociedade que caminham juntos, entrelaçam-se; e, nesta análise, um evento político, obviamente, faz eclodir fatores internos e externos em nossa massa da sociedade, logo, gerador de múltiplas novas formas de rumos a serem tomados pelo povo a partir de então.

Vejam: como analisar e interpretar o fato de que a presidente Dilma Rousseff eleita no dia 31 de outubro pode, três dias após sua vitória, despontar, ser elencada, eleita, uma das mulheres mais poderosas do mundo? Para sermos exatos, a 16ª pessoa mais poderosa do mundo, eleita pela revista Forbes, já à frente de Lula, 33º; e Hillary Clinton, 20º. Como dimensionar este fato, se não for por meios de parâmetros internacionais indicativos de mudanças políticas e econômicas? (Todos os olhares voltados ao Brasil, às intermitências de qualidades a serem colocadas em prática pós-eleição). É mudança de paradigmas, de visões comerciais, preocupação de todos os países entrelaçados numa conveniência de assuntos análogos: finanças; como a própria matéria do site da revista Veja escreve: “*Dilma irá comandar a maior economia da América Latina*” (2010, p. 02).

Percebe-se claro o poder de uma eleição; são indicações de que um evento como o pleito - antes e depois - asseguram um poder simbólico de esperanças, de nova vida a todos que ofereceram o voto; não obstante, importante a todo globo sedento por indicações de futuros caminhos a serem seguidos pelo novo Chefe de Estado. Ora: se nos tempos atuais é a política invocadora das diretrizes, se é este o nosso tempo, se é assim que vivemos e interpretamos nossos desejos de melhorias no nosso pertencimento do hoje, é conveniente mostrar que é o mesmo exposto por Foucault quando fala do tempo deste “Acontecimento”: “*não será mais a questão de seu pertencimento a uma comunidade humana em geral, mas o seu pertencimento a um certo ‘nós’, a um nós que se relaciona com um conjunto cultural característico de sua própria atualidade*”. (1984, p.02). Em outras palavras, este acontecimento é a constante presença no estado momentâneo em que eu penso, pois, eu não pertenço a todos os tempos, mas a um espaço de humanidade correlativo ao pensamento meu, ao nosso.

Se a “*Aufklärung é uma época, uma época que formula ela mesma seu lema, seu preceito e que diz o que se tem de fazer*” (FOUCAULT, 1984, p. 03), nossa época Globalizada tem a tarefa de indicar nomes para a mudança global imediata, de apresentar os personagens do cenário à mudança e, com



isto, propiciarem as transformações coletivas como nunca antes na História das sociedades humanas.

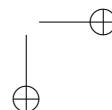
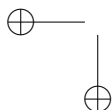
Se talvez no passado as transformações ocorressem pelas manifestações sangrentas, de lutas, hoje, os parâmetros mudam para novas formas de rebelião de necessidades de direcionamentos (é um grito virtual – calado), colocamos neste ponto o próprio voto portador de garantias às novas formas de pensamento a gerenciarem o mundo a partir do efetivo pleito; em outras palavras, a sociedade televisionada tem seus espectadores – que só assistem o que ocorre lá fora – como os do ontem das Revoluções que também não participaram do ato das lutas; todavia, beneficiados foram com as consequências desejosas do afloramento de seus sentimentos; porém, se não torciam, esperavam pelas latentes mudanças para o bem de todos, “*o que é significativo é a maneira pela qual a revolução se faz espetáculo, é a maneira pela qual ela é acolhida em torno dos espectadores que não participam, mas que olham, que assistem e que, ou bem ou mal, se deixam arrastar por ele*”. (FOUCAULT, 1984, p. 05).

De fato, a eleição de um presidente em nossos dias é, em primeira instância condição *sine qua non* de confronto de ideias, o jogo da sedução, da aparência, de quem pode encantar mais seu eleitorado com imagens falsas da representação de poder, esperança, sonhos, modernidade. É o jogo das ilusões sendo colocados à tona no cenário de um país que neste momento confronta ideias de políticos diariamente; é um momento de falar das esperanças, espaço onírico, das renovações que ficaram guardadas na consciência de cada um. Sendo este justamente o amontoado de condições para colocar em pauta questões de ordem necessárias à vigência; atualizando o conceito de Foucault, temos mais uma vez, a certeza de que este evento, a corrida eleitoral, e mais exatamente a eleição de Dilma Rousseff é por nós elencado como um “Acontecimento”, não só nacional, mas internacional: aquilo que repercute.

A primeira mulher

Umberto Eco, em entrevista a Spiegel, fala sobre as listas:

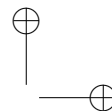
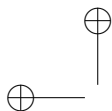
A lista é a origem da cultura. Ela faz parte da história da arte e da literatura. O que a cultura quer? Tornar a infinitude compreensível. Ela também quer criar ordem – nem sempre, mas com frequência. E como, enquanto seres



humanos, lidamos com a infinitude? Como é possível entender o incompreensível? Através de listas, através de catálogos, através de coleções em museus e através de enciclopédias e dicionários. Há uma atração em enumerar com quantas mulheres Don Giovanni dormiu: foram 2.063 pelo menos, de acordo com o libretista de Mozart, Lorenzo da Ponte. Nós também temos listas totalmente práticas - listas de compras, testamentos, cardápios - que, a seu modo, também são conquistas culturais. (...), Gostamos de listas porque não queremos morrer. (ECO, 2009, p.04)

Dilma oferece esta lista ao mundo quando torna-se a primeira mulher Chefe de Estado do Brasil; a primeira sucessora do governo Lula; a mãe do progresso (PAC – Programa de Aceleração do Crescimento); a primeira guerrilheira a conquistar o poder; a primeira descendente de Búlgaros a alcançar o topo do gerenciamento de uma outra nação, a primeira mãe e avó no poder, a primeira a atingir e quebrar barreiras Históricas. A sensação e ansiedade das primeiras coisas (a nunca mais serem apagadas – memorização fácil) parecem levar as pessoas a vislumbrarem de maneiras diferentes a situação ao seu entorno: é a expectativa daquilo que nunca tivemos, é justamente o desconhecido que traz ou desperta percepção como coisa boa a sociedade, como se os “primeiros” fossem aqueles que nunca tiveram chance, nunca conseguiram e agora podem galgar seu espaço, promovendo em nós, a marca, a classificação a ser imposta num presente da história, demarcar um país, ou levar o nome a História. Ser o “primeiro” é ser sempre lembrado, sempre saudado, valorizado, homenageado, demarcado com a escrita da História, é estar estampado em diversas capas de jornais pelo mundo; é ser jamais esquecido de seu espaço na ruptura da História até então feita por um panorama singular, sem rachaduras, é a demarcação de uma era eterna, imposição à História a ser jamais esquecida. O primeiro comove e seduz (é o nosso desejo intrínseco em nós por vezes não despertados).

E sendo a quebra, sendo os “primeiros” a ruptura, a lembrança, a nova forma de visão; aquilo que desregula uma linearidade; a especulação e espetacularização do indivíduo, justo é inserir este episódio da eleição de Dilma como “Acontecimento”, pois como diz Giddens “*quando a imagem de Nelson Mandela pode ser mais familiar para nós que o rosto do nosso vizinho de porta, alguma coisa mudou na natureza da experiência cotidiana*” (2007, p. 22); provando e justificando a necessidade de reconceitualização do termo exposto por Michel Foucault, quando sabemos que aquilo que é externo ao nosso



circulo tende a ser mais importante que a vida vizinha a nós; o tal exposto já nos condiciona a aceitarmos: em primeiro lugar, parece-nos seguro dizer que nada mais é importante a não ser o foco único da vida diária de Dilma Rousseff, seus passos a cumprirem a meta do clamor público que a elegeu e, em certo grau, perseguiremos cada passo dado pela mulher reconhecida mundialmente já no segundo dia após a vitória estampada nos principais jornais do mundo. Logo, o pleito é mudança de diretrizes, reorganização de focos dos indivíduos – é o rumar inconsciente de uma nova era.

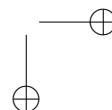
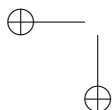
Se o importante é o que está alhures – é o que se tira dos conteúdos do drama – sendo este o avanço despercebido do Iluminismo; está nesta premissa a repercussão do pleito de Dilma e sua incomensurável expectativa de todos (todos integrados esperando pelas ordem da nova presidente; todos ansiosos pelos novos rumos), como os exemplos listados a seguir quando os presidentes de outras nações a parabenizam, de acordo com informações do site da BBC.

A repercussão: mudanças

Como Foucault nos orienta, o que faz sentido e o que vai constituir o signo do progresso é que, em torno da revolução, (...) há uma simpatia de aspiração que beira o entusiasmo (as manifestações do povo em prol a campanha de tal candidato, os rumores, as brigas, os folhetos). O que é importante na revolução, não é a revolução em si, mas o que se passa na cabeça dos que não a fazem ou daqueles que não são os atores principais. (FOUCAULT, 1984, p. 06). Aqui, a Eleição vista como “Acontecimento”, a revolução dos silenciosos, do povo, daqueles a serem beneficiados das causas, e os demais atores líderes de nações ansiosos pelo resultado do pleito a garantir as trocas do fluxo constante do progresso.

A eleição de Dilma, este evento “Dilmático” foi manchete na primeira página de vários diários pelo mundo, motivo de elogios de presidentes vizinhos ao Brasil, da Europa e Estados Unidos; todos unânimes reforçam felicitações pela eleição como veremos.

Barack Obama, presidente dos Estados Unidos lembrou a vitória Histórica, elogiando o povo brasileiro “*por sua fé e seu compromisso com a democracia*”, reforçando as nossas análises até aqui consideradas de que a vitória



de Dilma é Histórica e é vista pelo mundo como tal, corroborando ao conceito de fato fluído de cambios: “Acontecimento”.

Juan Manuel Santos, presidente da Colômbia: “*o Brasil é, sem dúvida, um parceiro fundamental não somente para a Colômbia, mas para a região e para o mundo, neste momento em que estamos certos de que será a década da América Latina*”; dizeres conforme já mencionados de que o “Acontecimento” revisto e atualizado tem este valor global, onde todas as nações estão envolvidas, e que será manifestador de consequências a todos os cantos; por baixo dos tapetes das nações é o comércio, as finanças, logo, uma eleição gerará este caos de interesses, as diversidades de confrontações de opiniões a serem sustentadas, colocadas a prova neste momento de reflexão mundial.

Evo Morales, presidente da Bolívia disse: “*triunfo da democracia latino-americana*”, tendo ele acompanhado com atenção o noticiário quando da vitória. Hugo Chávez: “*Irmã, companheira, bem-vinda a este clube. Você vem de longe, companheira, te conheço. Sabemos de onde você vem, da batalha pelo Brasil (...). Uma mulher patriota. Ela se converterá, como Cristina Kirchner, em uma gigante*”; constatação das ligações entre políticos, da necessidade em tornar-se um outro perante o mundo que a escolhe, é ser uma nova máscara nas relações internacionais mesmo quando as línguas não são análogas, lutar pelos princípios de seus compatriotas e levar sua bandeira de ideais além mares.

Cristina Kirchner, presidente da Argentina ofereceu as suas boas vindas “*ao clube das companheiras de gênero*”, lembrando a marca de conquista da primeira mulher a assumir o maior cargo político. Mauricio Funes, presidente de El Salvador foi histórico: “*hoje se cumpriu uma jornada inesquecível para o povo brasileiro, que elegeu pela primeira vez em sua História uma mulher para dirigir os destinos dessa grande nação*”.

Nicolas Sarkozy, presidente da França: “*esta vitória demonstra o reconhecimento do povo brasileiro pelo trabalho considerável que ela tem desenvolvido com o presidente Lula para tornar-se um país moderno e mais justo*”. Mahmoud Ahmadinejad, presidente do Irã: “*tenho confiança de que o Brasil seguirá progredindo e se desenvolvendo rapidamente durante seu mandato*”, falas que vertem as necessidades intrínsecas desejadas por todos: progresso e segurança política aos brasileiros.

A repercussão, aquilo que sobrou do sufrágio, todo o caldo de sonhos misturado à expectativas, mudanças – rumo a um algo melhor escondido em nossas mentes, agora, revelado na vitória e condensado em centenas de pri-

meiras páginas de jornais quando estampam a foto da nova presidente do Brasil: Dilma Rousseff. Caso a ser pensado como análogo aos escritos de Michel Foucault quando que, na verdade, a coisa em si, a revolução, seria o menos importante nesta mudança (como é o caso da eleição), mas como acontecimento (as propostas políticas futuras a reverterem nas vidas de todos), “*atesta uma virtualidade permanente e que não pode ser esquecida: para a História futura, é a garantia da continuidade mesma, de um passo para o progresso*” (1984, p. 07); sendo o dia depois da vitória, o atestado de início de um novo tempo em prol de todo o globo, confirmado também pelo desejo dos presidentes.

A revista *Brasileiros* apresenta as capas de periódicos do mundo onde o efeito Dilma é comprovado: El Mercurio do Chile estampa: “*Dilma Rousseff gana em Brasil y promete honrar el legado de Lula*”; o Clarin da Argentina: “*También em Brasil una mujer llegó a la presidencia*”; El País da Espanha comenta: “*Rousseff se convierte em la primera presidenta de Brasil*”; La Stampa da Itália: “*Brasile, è Dilma la rossa l’erede di Lula*”; Público de Portugal: “*Dilma presidente: a mulher a quem o Lula deu o Brasil*”. El País do Uruguay: “*Dilma Rousseff es presidenta; continuará políticas de Lula*”. The Wall Street Journal dos Estados Unidos: “*Brazil’s new president*”; além de um jornal da Bulgária, terra dos antepassados da presidente estampa em primeira página foto de Dilma acenando. Todos, jornais do dia seguinte da vitória, com manchetes exclusivas da eleição brasileira que gerou a atenção dos quatro cantos do mundo, um verdadeiro “Acontecimento” dos dias atuais revisto e aqui considerado justificado tal analogia.

O signo rememorativum, demonstrativum, pronosticum

O mundo nos parece ser de forma tão constituído de classificações e programação que nos é difícil imaginar sermos todos os dias o que gostaríamos de ser e viver.

Parece-nos verdadeira a ideia de existir tempos próprios para justificarmos e soltarmos os indivíduos guardados dentro de nós (de dizermos e sermos o que gostaríamos): Carnaval; Copa do Mundo; Natal ou momento da corrida eleitoral.

Como escondemo-nos nas personas, situando-nos numa conformidade em dias os quais não nos revelamos e mostramos nossos sentimentos “*sem poder extravasar normalmente, nossa sociabilidade tende a se soltar em explosões espetaculares, concentradas – e breves, como todas as explosões.*” (BAUMAN, 2000, p.11); a corrida eleitoral faz ressurgir aquela forte pulsão de necessidade de mudança no povo: é neste momento, a grande outorga da decisão de uma nação pelo seu futuro a ser vislumbrado, o ápice da democracia do direito a causas justas e iguais (sentimento anterior a qualquer questão Política). Como Zygmunt Bauman nos remete a pensar, ocasiões de oportunidades de soltarmos e mostrarmos o que queremos (o pleito) surge por vezes, “*em festivais de compaixão e caridade, às vezes em eclosão de agressão acumulada contra um inimigo público recém-descoberto (...), outras em um acontecimento no qual a maioria das pessoas se sente fortemente envolvidas ao mesmo tempo*” (2000, p. 11).

Este sufrágio, o eleger pelo povo, a política em sua gênese (da participação social, do envolvimento das causas iguais), o evento destacado, é hoje, nestes tempos, o indiscutível sistema de oferecimento de mentalidades, do sabor das discussões das causas sociais, vista com mais furor nesta intermitência da vida de todos – logo – se é intrínseco o fato da necessidade de avanço humano, e se este fato é este que sustenta as bases da política entre as nações, podemos ter esta esfera de sentimento enquadrada como o signo “rememorativum”, “*um signo que mostra que isso tem sido sempre como é*” (FOUCAULT, 1984, p. 04), para tão já, contornarmos as condições do “Acontecimento”; portanto, ser político, ser aquele escolhido do povo, é fazer saltar o que todos anseiam, desejam: o poder do controle; sentimento eterno, presente em todos.

O ser político, a questão política é presente em todos; significa ser mais fortes, mais encorajados com os outros, mais vantajosos – é a união que faz a força – segundo relatava os Sofistas em linguagem mais atual, é o esperado dos comandantes, é o que acabamos por fazer nas questões diárias com os outros quando somos empregados ou empregadores. O signo “demonstrativum” que mostre que as coisas atualmente se passam assim também nos entornos da borda do fato quando este já passou, aquilo que fica, como o já mostrado ou que sempre foi, os desejos guardados; logo, a corrida eleitoral cerceia parâmetros, ou traz a tona aquilo não dito em outras esferas cotidianas; o “demonstrativum” é o sentimento humano em jogo, as apostas eternas

dos eleitores à sua qualidade de vida, eterno desejo de melhorias e progresso oferecido pelo sufrágio em nossos tempos.

“Pronosticum”, o terceiro item destacado pelo filósofo, o qual mostrará que as coisas permanecerão assim após efetiva, encaixa-se nas categorias da coisa política, analisada neste artigo, quando sabemos sermos nós mesmos batalhadores diários a manter aquela rotina evolutiva daquilo que outorgamos ao presidente. O que o Iluminismo nos condicionou foi lutarmos por mudanças, por novas formas de análises vitais para cooperação humana, para o desenvolvimento das civilizações. Se hoje parece-nos amorfa a paisagem política, sempre estática, não evoluindo, súbitos somos levados em épocas de pleito a indagar-mo-nos e revivermos aquelas conquistas já alcançadas por mortes do ontem (a História sempre presente numa conquista), que de peitos abertos as mobilizações nos trouxeram o alumbramento de uma nova visão de vida. Logo, se o espírito da melhora é inerente ao homem de qualquer forma, tão já contata-se o signo “pronosticum” o qual alicerçará nossas lutas individuais diárias a mantermos nossas garantias de satisfação de existência até um novo momento quando não mais sentirmo-nos em contentamento com os padrões políticos.

Como diz Foucault: “*não são os restos da Aufklärung que se trata de preservar, é a questão mesma deste acontecimento e de seus sentidos (a questão da Historicidade do pensamento universal) que é preciso manter presente e guardar no espírito*” (1984, p. 07); com esta idéia, trata-se aqui de apresentar que tal como os espíritos guerreiros do ontem, das lutas e mortes, do sangue derramado, hoje, a corrida eleitoral no mundo, a eleição de um líder de um povo, no específico caso Dilma Rousseff, é a mais perfeita conclusiva de que rememoraremos os traços das batalhas da justiça sempre galgadas pelo homem, de percebermos os semblantes da esperança nos rostos daqueles que após a morte dos bravos, continuarão a viver nesta sociedade alcançada com dignidade; não obstante, nosso pleito, as manifestações populares de aceitação de um candidato é, ao nosso ver, aquele espírito da revolução continuada a cada etapa de eleição de um novo comandante a reiterar as mentalidades da massa a satisfação e segurança de seu povo.

Considerações Finais

Pudemos nestas linhas, nesta tessitura, oferecer uma leitura do ato do voto, da eleição, daquilo que está dentro do evento como um “Acontecimento” nas bases da Filosofia. Podemos dizer que, conseguimos evidenciar analogias entre conceitos e fato, possibilitando a nós, refletirmos e percebermos a importância iminente deste momento de emancipação que é a eleição quando deixamos de lado barreiras e mostramos aqueles que somos, nossos ideais, expondo nossas bandeiras avenidas adentro, na esperança de outorgarmos ao nosso futuro uma dignidade. Com esta análise, acreditamos termos alcançado grau de satisfação no entendimento de como se dá este desejo de esperança no voto, este sonho nunca guardado, esta humanidade nunca apática, mas escondida em épocas distintas e a florada em outras. Aqui vimos que uma eleição não é cabível apenas na mente de uma nação, espalhando-se ao redor do mundo à aguardar ansiosos a escolha de um país a causa de outros. A eleição de Dilma foi Histórica, uma marca já gravada e respeitada por todos neste mundo onde a imagem de Dilma acaba por ser mais conhecida que a imagem de nosso vizinho. Nada mais é o mesmo.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. *Em Busca da Política*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2000.
- CARDOSO, Irene de A. R. *Foucault e a noção de acontecimento*. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S.Paulo, 1995.
- GIDDENS, Anthony. *Mundo em Descontrole: o que a globalização está fazendo de nós*. Rio de Janeiro, Editora Record, 2007. http://super.abril.com.br/superarquivo/2002/conteudo_266280.shtml.
- Católicos no Brasil são 155 milhões, estima vaticano*. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/mundo/mat/2007/04/09/295279707.asp>. Acesso em: 26 dezembro 2010.
- Confira as reações à eleição de Dilma Rousseff no mundo*. Disponível em: http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2010/11/101101_

dilma_reacoes_internacionais_rw.shtml. Acesso em: 05 janeiro 2011.

Dilma é a favor de casamento homossexual. Disponível em:

<http://www.maranhaohoje.com.br/index.php/politica/56-nacional/3475-dilma-e-a-favor-de-casamento-homossexual>. Acesso em: 03 janeiro 2011.

***Dilma Fala de Aborto e se nem Cristo a derrotaria.* Disponível em:**

http://www.youtube.com/watch?v=puLeHabq2pY&feature=player_embedded. Acesso em: 04 janeiro 2011.

Qu'est-ce que les Lumières?, Magazine Littéraire, nº 207, mai 1984, pp. 35-39. (Retirado do curso de 5 de janeiro de 1983, no Collège de France). Traduzido a partir de FOUCAULT, Michel. Dits et Écrits. Paris: Gallimard, 1994, Vol. IV, pp. 679-688, por Wanderson Flor do Nascimento.

Repercussão Internacional. Brasileiros, São Paulo, n.40, p. 73, 2010.

Voto: Racionalidade ou significado? Disponível em: http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_20/rbcs20_04.htm. Acesso em: 04 janeiro 2011.